

## Entrevista entre Alexandre Sá e André Sheik

Entrevista por email iniciada em 18/11/2015

**Alexandre Sá:** *Por mais clichê que pareça, eu gostaria de começar perguntando sobre a passagem da música para as artes visuais. Na verdade não acho que seja especificamente sobre o que, em determinado momento te desliga da música, mas como se deu este deslizamento para as artes visuais enquanto área de trabalho e de saber. E quando foi isto? Em termos mais gerais (e óbvios), como as coisas se deram lá nos primórdios?*

**André Sheik:** Como dizem: senta, que lá vem história. Vou voltar no tempo um pouco mais, e começar também com um lugar-comum, meu desejo de ser artista ainda criança. Creio que, por volta dos doze anos de idade, pedi aos meus pais que me comprassem tela e tinta, pois eu desejava pintar. Até hoje, tenho na minha memória a imagem de um submarino, que tentei representar, mas que não cheguei nem perto do que havia imaginado (o que, depois, percebi não ser tão incomum em um trabalho de arte). Ficou a frustração. Com catorze anos, comecei a registrar em palavras as minhas preocupações metafísicas, e foram os meus escritos que me levaram para a música, alguns anos mais tarde. Ao dezessete, cogitei prestar vestibular para Belas Artes, mas a Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ) exigia (e ainda o faz até hoje) prova de habilidade específica, só que eu tinha certeza de que não passaria, pois eu não desenhava bem. Com essa mesma idade, alguns amigos iam tocar em um sarau no colégio em que eu estudava, e me chamaram para escrever uma letra de música. Com dezoito (em 1984), entrei para Física na UFRJ e comecei a trabalhar com computadores na revista Info de informática do antigo Jornal do Brasil, ao mesmo tempo em que aprendia a tocar contrabaixo elétrico e ensaiava nos fins de semana. A música atropelou tudo, e o resto é história. Em 1996, publiquei meu primeiro livro de poemas, *Borboletas no Estômago do Cachorro Louco*, procurando outras formas de expressão que não a música. Em 1999, com 33 anos, ainda tocando profissionalmente (há catorze anos), já cansado do meio musical e das limitações tanto da música quanto das palavras, resolvi retomar o

antigo desejo e matriculei-me em um curso de pintura no Parque Lage. A primeira exposição que participei foi em 1999, como músico que tinha outra forma de expressão artística. Parei de tocar em 2000. Os balizamentos das artes visuais são menos estreitos, e isso me interessa. Da pintura passei logo a fotografar, fazer vídeos, *performances*, objetos, além de usar, posteriormente, palavras, sons. Lembro-me de alguns episódios quando iniciei esse processo de migração. Pelo menos três artistas, já estabelecidos, vieram me perguntar por que eu havia trocado o sucesso da música pelo – palavra deles – fracasso das artes visuais. E eu disse que o meu (eventual) sucesso na música era coletivo, e, o que quer que eu fizesse nas artes visuais, seria apenas meu. Entendo que há uma certa ressalva dos artistas quando pessoas de outros meios passam a fazer trabalhos de arte, mesmo que sejamos de um dos meios mais abertos a formas e expressões variadas. Um outro artista, também já estabelecido, e que havia feito cenário para a minha ex-banda, na saída de uma exposição em que eu estava participando, comentou que estava contente (ou seria surpreso?) de ver que eu era “um artista de verdade”. Perguntei se era um elogio, e agradei após a resposta afirmativa. Na sequência, perguntei o que exatamente ele queria dizer com aquilo, e ele comentou que era comum pessoas provenientes da música fazerem trabalhos “equivocados” nas artes visuais, mas que não era o meu caso. Novamente, tomei como elogio.

*Alexandre Sá: Então em certo sentido, também houve uma formação em Artes Visuais de maneira mais livre... no Parque Lage, é isso? Como era a escola naquele momento? E em que medida tais aulas foram determinantes para o seu trabalho hoje? E as relações com o sistema de arte, como se deram?*

Sim, sim, com certeza o Parque Lage foi, e ainda é, determinante na minha formação em artes visuais. Fiz muito cursos lá, desde 1999, e continuo fazendo, tanto aulas práticas como de história da arte, teoria, curadoria. Mas também fiz cursos avulsos fora, além de ir a seminários, palestras, colóquios e qualquer discussão ou debate sobre arte que eu fique sabendo e possa comparecer. Agora, estimulado por um amigo artista e curador, estou cursando bacharelado em História da Arte na UERJ, para ampliar meus conhecimentos e contribuir tanto na minha produção autoral (a despeito de minhas dúvidas em relação à universidade e ao ensino acadêmico de arte persistirem), quanto nas

curadorias e textos críticos, o que venho fazendo cada vez com maior frequência. Quando eu entrei no Parque Lage, a coordenadora de ensino me orientou a não ficar mais do que seis meses com cada professor, que era para eu ter variadas experiências (além de entrar em contato com técnicas distintas), não ficar com a visão de apenas um professor – um pensamento único –, e isso foi muito importante. Eu sabia muito pouco sobre artes visuais quando comecei, até sou autor de uma letra de uma música, de 1994, da minha ex-banda, onde há a estrofe “Ninguém entende arte contemporânea”. Entretanto, fez parte do meu adestramento familiar frequentar exposições (além de ter que ir, obrigatoriamente, a diversas apresentações de outras formas de expressão artística), e, desde pequeno, eu usava máquinas fotográficas (meu pai é jornalista) e filmadora (meu avô tinha uma 16 mm), o que, acredito, contribuiu para eu utilizar esses meios em minha produção, além de a minha mãe ser produtora de cinema. O Parque Lage promovia – e ainda promove – exposições com trabalhos de seus alunos, e considero isso importante para colocar o trabalho à mostra, expô-lo à crítica, pô-lo em relação, com os outros trabalhos, com o público, com o circuito de arte. Minha trajetória pública nas artes visuais começa aí, mas, a despeito disso tudo, eu sou meio alheio a certas “regras” do meio, no sentido de não fazer o meu trabalho com o intuito primevo de expor ou vender. Preocupo-me, em primeiro lugar, com o trabalho, o pensamento que está nele (eventualmente, até me referindo ao circuito de arte) e, posteriormente, com a relação que cada espectador pode estabelecer com ele (adoro ouvir visões e perspectivas diferentes). Na minha produção, faço o que quero, do jeito que quero, na hora que quero. Pago um preço por isso. E é curioso que alguns amigos do circuito digam que eu sou um artista que expõe muito (o que talvez possa ser verdade na cidade do Rio de Janeiro, em coletivas). O que posso falar é que só expus, até hoje, convidado. Não tenho muita competência (ou paciência) para arrumar justificativa, objetivo, público-alvo e contrapartida social para o meu trabalho. Não tenho nada contra quem tem essa capacidade, às vezes, até gostaria de conseguir me “adequar” melhor. Há, também, cada vez mais, uma cobrança para que o artista tenha um discurso sobre o próprio trabalho. Não considero isso imprescindível, ele pode até ter, entretanto, obras estão abertas a muitas e variadas leituras, nem o artista tem o monopólio sobre o seu trabalho, nem o curador, nem ninguém. Leituras especializadas são importantes? Sim. Bem como as intenções do artista. Mas, como disse o poeta das Minas, o mundo é vasto. Não tenho ideia do que agrada ao público (seja qual for). Tampouco consigo (ou sei) fazer um trabalho “para vender”, com esse intuito na gênese. Novamente, nada contra quem faz e não me oponho a vender os meus trabalhos, já vendi e vendo (pouco) a minha produção. Só não sei o caminho das pedras, nem sei se o seguiria. Quanto a minha outra atuação no

circuito (crítica, curadoria e afins), ela começou em 2005, quando um artista já estabelecido me convidou a escrever um texto para a exposição dele. Depois, vieram outros convites, em 2007, em 2008; em 2009, organizei, com outro artista, uma exposição em uma galeria; e, na década de 2010, foram aumentando os convites, até que resolvi fazer dois cursos relacionados à curadoria. Comecei a escrever textos sobre arte para revistas, participar de conversas com artistas em galeria, palestrar em seminários, ministrar oficinas, muitas vezes misturando a apresentação da minha produção autoral com a minha visão sobre o circuito de arte e sobre a produção de outros artistas. Cheguei a entrar de sócio em uma galeria, com um amigo, mas não fomos adiante. Gosto de conhecer todos os aspectos da atividade que estou exercendo, foi assim na música e isso persiste. Um conhecimento horizontal, embora haja muitos circuitos de arte paralelos. De 2014 para cá, tenho me dedicado mais a fazer curadorias, sem abandonar a minha produção autoral. Não fossem as pessoas do meio, eu teria desistido, o que quase aconteceu em 2010 (tirei carteira de trabalho e arrumei um emprego em escritório, mas também foi o ano das minhas duas primeiras individuais), por isso sou grato a todos com quem já trabalhei (vários artistas, até mesmo filmando, editando ou fotografando para eles), e com quem estudei, além dos amigos que me apoiam. É muita gente para citar aqui todos os nomes. As pessoas fazem o meio, e sou movido pelos afetos.

*Alexandre Sá: Esta generosidade parece eventualmente paradoxal se pensarmos em como você costuma tensionar o sistema de arte, a academia e a própria lógica de funcionamento de todo este aparelho. Lógico que não é uma contradição ou uma hipocrisia... Muito pelo contrário. Acho que você tem uma atitude de questionamento que não é burra. E talvez, exatamente por isto, não se exima de maneira nenhuma de todas as benesses que a relação entre pares e entre afetos-políticos pode proporcionar. Acho que você ainda consegue alternar bem estas esferas de representação, desejo e necessidade (risos). Agora, aproveitando um pouco esta cena política que nos solapa e a produção em Artes Visuais, como vocês pensa o panorama atual?*

Estava aguardando a casca de banana (risos). Não sou muito competente para fazer marketing ou autopromoção, embora esteja fazendo um esforço para usar o conhecimento a respeito dessas ferramentas de maneira positiva. O meu adestramento é

para conviver com diferenças que não sejam inconciliáveis. Quanto a cena política do país, não está nada simples. Pergunto-me se a cultura sofre mais, embora não chegue a uma resposta definitiva. Tenho mais perguntas do que respostas, mais questionamentos do que conclusões. Há muitos seguimentos na arte, variados tipos de artista. Para mim, é mais simples eu emitir uma opinião sobre um trabalho específico, fazer uma leitura, que é apenas isso, uma leitura minha. Em relação a um panorama mais amplo, tenho dúvidas a respeito de quais coisas sou capaz de mudar. Como transitar pelo meio de arte; que tipo de arte fazer; qual o sentido de se fazer arte? Eu não consigo declarar que sou um artista. Já recebi críticas de colegas por causa dessa minha perspectiva, dizem que eu devo afirmar a arte, o sistema e suas instâncias, porém eu não sou tão cheio de certezas. Costumo dizer que o artista tem convicção na dúvida. Da mesma maneira que alguns outros, quanto mais conheço, mais tenho noção do tamanho da minha ignorância. Acho importante a discussão sobre a autonomia da arte enquanto área de conhecimento, há questões que são específicas. Em diversos momentos, estivemos sob foco de disciplinas outras. A filosofia, a psicanálise, a sociologia, e, no momento, me parece que é mais a antropologia. Creio que procuro não me deixar afetar, manter, no meu trabalho, o meu pensamento em relação ao mundo, as minhas reflexões. Novamente, pago um preço por isso. Não quero dizer que o que faço seja incrível, único nem inédito. Nada disso. É apenas a maneira que escolhi – ou que consigo – fazer e ser. Assisti a uma importante curadora falar em uma palestra no Parque Lage algo como “um artista pode passar a vida inteira fazendo um trabalho sério, consistente e, no final, sua produção não ter nenhuma significância”. E essa é uma perspectiva assustadora para quem produz, independente de quem irá chancelar ou não essa produção. Eu não tenho pretensão de me perpetuar, ficar depois do meu tempo, portanto não intenciono um reconhecimento póstumo. Tampouco o almejo em vida. Gostaria de tê-lo? Sim, claro, mas não é com esse intuito que produzo. Qual é, então a minha intenção? Pergunte-me daqui a dez anos (com sorte, terei uma resposta no futuro). Quem me diz que o filho está fazendo algo no campo das artes, eu digo para reprimir (risos). Ainda vivemos em um mundo onde, de um modo geral, a arte até pode ser valorizada, mas os artistas não o são na mesma medida. Todos têm suas dificuldades, o artista não é um coitadinho, nem nada parecido. Os colecionadores parecem comprar uma espécie de rebeldia e contestação que não podem ter. Ou uma peça para combinar com a decoração. O que querem os artistas? Cada um quer alguma coisa diferente. Nem sei se preciso de arte. Não me lembro quem é que diz que “as pessoas fazem o que fazem por incompetência para fazer outras coisas”. Quando me perguntam o que faço, digo que sou técnico de computador, o que também é verdade, além de outros trabalhos. Acho que 90%



dos meus amigos artistas têm outra atividade. Certa vez, um curador ficou meu camarada, e, lá pelas tantas, me falou: “- Me disseram que você é artista.” Eu disse que não me intitulava assim, embora tivesse uma produção autoral. E ele perguntou: - “Você costura, pinta ou borda? E eu respondi: “- Isso.” Mudamos o rumo da prosa. Ainda falta algo para eu me dizer artista. Prefiro deixar, por enquanto, essa definição com historiadores, críticos, curadores, museólogos e afins. Uso os meios que me convém para me expressar: vídeo, fotografia, instalação, desenho, gravura, *performance*, objeto, palavra, som, o que for, até pintura. Isso dificulta a rotulação por parte das pessoas. Mas isso é um problema delas e não meu. Será uma atitude de contestação ao atual estado vigente nas artes? Atitude de resistência? Não sei. Talvez seja apenas anacronismo da minha parte, no que diz respeito ao papel do artista na sociedade, função essa que já foi de variadas naturezas, e também está em constante mudança. Fiquei com vontade de entrar na minha teoria dos três tipos básicos de artista, mas vou parar por aqui (risos).

*Alexandre Sá: Mas talvez isto que você tenha dito seja apenas uma questão de nomenclatura. De denominação. De linguagem mesmo. Embora eu ache que há um legado da palavra enquanto eixo, veículo e preocupação (risos), esta coisa de ser artista ou não ser artista às vezes parece um pouco datada, você não acha? Beuys já disse que todo mundo é artista e tudo bem. Acho que o que me interessa mais hoje é tentar pensar em que medida as artes visuais têm se colocado diante de um panorama político, social, econômico muito específico. Óbvio que o sistema pouco se preocupa com isto. Inclusive porque não tem tempo. Inclusive porque poderíamos nos perguntar também o que seria o sistema de arte hoje. Na verdade, acho que a minha pergunta é bem mais restrita: Pensando na cidade do Rio de Janeiro na sua relação com o país em todas as suas pequenas tragédias cotidianas, você não tem eventualmente a ligeira impressão que não existem mais formas e possibilidades de inserções em circuitos ideológicos (rsrsr) que realmente provoquem um efeito um pouco mais potente que uma ligeira discussão preocupada em algum vernissage durante a semana ou em um novo e surpreendente programa de formação de artista de uma escola qualquer? Hoje eu vi o filme do Chico Buarque com direção do Miguel Faria Jr. e achei interessante quando ele coloca que a bossa nova era, de fato, um movimento de elite que, em virtude da sua representatividade nacional, terminou parecendo ser realmente um movimento legítimo da cultura carioca. Também lembro que, nos anos 1960, a quantidade de artistas que ainda acreditavam na possibilidade de transformação do mundo e da realidade do entorno era considerável. No meu caso, sinto isto quase que como uma responsabilidade. Tive aula*



*durante muito tempo com o Carlos Zílio e a Glória Ferreira foi minha orientadora por seis anos. Eles são parte de uma geração que entenderam que naquele momento, o trabalho deles estava fora das instâncias normatizadas... Hoje acho as coisas pasteurizadas demais. E não é algo de nostalgia ou de depressão (risos) ou de um neobarroco romântico (estilo que acabo de criar e que talvez me defina ligeiramente), mas é uma certa sensação de poucas matizes e talvez até de preguiça. E acho que isto se coloca também no exercício de curadoria...*

Com certeza existem alguns artistas (românticos?) que não se preocupam tanto com o que é ser artista e com como funciona o sistema de arte e como inserir-se nele. Também vejo muitos repetirem fórmulas, o que costumo chamar de “procedimentos contemporâneos”. Talvez seja um caminho para encontrar uma voz própria, a questão específica do artista. Eu mesmo acho que ainda não cheguei em algum lugar, embora tente – nem sempre conseguindo – ter algum tipo de identidade minha. O que alguns questionam, dizem que não é possível, e outros chamam de originalidade. Sei lá, penso, logo desisto. Dia desses, fiz um trabalho que eram apenas as ideais para títulos de trabalhos. Um deles era: “Só acredito em arte experimental, o resto é design de produto.”

*Alexandre Sá: Você jura que está me respondendo?*

Achei que estivesse (risos). Eu deveria ter sido mais assertivo? Nem sei o que dizer. Não tenho autoridade para julgar quem quer que seja, nem circuitos de arte. Tenho a minha perspectiva, e há o tipo de arte e de artistas com os quais me identifico mais, tenho mais afinidade, o que é apenas – e somente – o meu ponto de vista, limitado por minhas vivências.

*Alexandre Sá: De qualquer forma, acredito que você sinta ou saiba qual é o desejo do seu trabalho, não?*

O desejo do meu trabalho eu não tenho ideia de qual seja (risos). Às vezes ele parece querer me levar para um lugar que não é meu. O meu desejo, fazendo o meu trabalho, é, para mim, ainda mais difícil de identificar. De quando em vez, consigo aperceber alguns pensamentos (ou ideias) em comum dentre conjuntos específicos. Tenho por hábito escutar pessoas maiores do que eu na arte, que fazem leituras abalizadas. Também adoro ouvir quem não é do meio, as leituras são sempre reveladoras de aspectos que eu mesmo não vislumbrei. Diria que sigo alguns padrões, como evitar me repetir, terminando por correr atrás do meu próprio rabo. Quase sempre, tenho a pretensão que seja possível uma leitura simples, que o trabalho possa ser definido em uma linha na descrição, tipo, olhar a imagem e dizer, isso é isso. E, que, de mesma maneira, ele tenha diversas camadas de significação, de leitura, de interpretação. E procuro fazer o maior número possível delas, o que é uma pretensão não alcançada. Isso tudo, sem tentar restringir as leituras e sem falar de mais de um assunto em cada um (exercício constante, nem sempre atingido). Resumindo, nem hermético, nem simplório. Gosto quando o trabalho causa uma reflexão no espectador, que seja apenas dele, nem um pouco “dirigida” pela obra ou por mim. Agora, descrever as ideias por trás dos trabalhos é mais complexo. Será que lhe respondi? (risos)

*Alexandre Sá: Vou então fazer uma última pergunta combo. Pode ser? Posso numerá-las da maneira mais cafona para você responder da forma que quiser?*

*1 – Relendo aqui, vi que você nunca cita o nome da sua ex-banda. Só a nomeia como ex-banda. Embora a ex-banda possa ser uma boa metáfora do ex-marido, ele geralmente tem nome, não? (risos)*

*2 – No começo da conversa você diz que o que quer que venha a fazer em artes visuais, será seu e não coletivo. Engraçado que a sua carreira é marcada por muitas exposições coletivas. E em certo sentido, em exposições coletivas há algo de individualidade que cai. Não parece um pouco paradoxal?*

*3 – As suas respostas são lindas e de uma diplomacia ímpar. Você diz que não pode julgar ninguém. Mas de fato todo este nosso encontro repleto de palavras perturbadas, não tem interesse em julgar alguém ou o que quer que seja. Por outro lado, crítica eventualmente pode surgir. Falando nisso, a crítica também anda meio caída não? Pelo*



*menos por aqui por essas bandas. Ou você acha que toda essa nossa malemolência carioca da “brodagem” e do vem aqui fazer um trabalho de graça, não se espelha em outras esferas?*

*4 – Do primeiro livro, alguma poesia que você ame? Manda aí... Pode ser em (w)rap...*

*5 – Família e arte...*

*6 – Uma frase de efeito para terminar o programa. ;-)*

1 – Isso é isso mesmo, ex-banda, de ex-amigos. Diferentemente das minhas ex-namoradas, que são chamadas pelo nome, pois tenho o maior carinho e respeito pela grande maioria delas.

2 – Não tenho problemas com contradições. (risos) Eu não conheço uma pessoa coerente. Não sei se, no começo da entrevista, bem afirmei que tudo será exclusivamente meu na minha produção nas artes visuais. Aquilo foi apenas uma resposta, na época, às pessoas que me questionavam sobre a suposta troca do sucesso (que era coletivo) pelo fracasso (que, afirmei, seria, se fosse o caso, apenas meu). Quando cito as pessoas que me ajudaram, é demonstrando que não se faz nada sozinho. E devo dizer aqui que optei por retirar absolutamente todos os nomes mencionados na entrevista, pois o editor sugeriu que cortássemos alguns, no que preferi que deixássemos todos de fora, em vez de entrarem apenas uns poucos. Sempre procuro estabelecer troca no trabalho com curadores que me convidam para exposição, o que é bem diferente de um grupo fechado (como era na banda). Nas artes visuais, todo mundo dá palpite no trabalho do outro. (risos) Isso foi estranho, para mim, na mudança de uma área para outra. De qualquer maneira, eu sou um ser gregário. Tentei me isolar, em 2010, mas não funcionou, eu não tinha dinheiro para esse luxo, então, parti de volta para o mundo.

3 – Não sou tranquilo (acho que não sou tranquilo com quase nada) com isso que você chama de minha “diplomacia”. Questiono-me se não é um ficar em cima do muro, não me comprometer. É uma linha tênue. Creio ser possível escolher as palavras, ser gentil, não ofender, sem ser falso ou escorregadio. Ao menos, eu tento. Sou “acusado” de só fazer o que quero (o que discordo), e costumo dizer que a franqueza é uma das falhas do meu caráter, então, sou “bonzinho” só até a página dois. (risos) O que eu decidi foi que, diferentemente da minha experiência na música, eu não iria me estressar tanto nas artes

visuais. O trabalho de arte é muito próximo do artista. Sempre sugiro que eles se distanciem um pouco, que não tomem como ofensa pessoal uma crítica à obra. Esse talvez seja um foco de tensão, não compreender que diferenças de ideias, até certo nível, são conciliáveis com diversos graus e tipos de relações. Concordo que a crítica se arrisca pouco, o que deve ser fruto de erros no passado misturados com a quantidade de informação a que somos submetidos. Eu deveria ter começado toda esta entrevista com uma expressão que eu gosto: na minha humilde opinião...

4 – Escolhi um escrito do primeiro livro (mas isso não significa que eu goste especialmente dele, pois acredito que todos os discursos servem a propósitos momentâneos), e adianto um que deve entrar no segundo:

#### FRASE DE EFEITO III

O conhecimento  
quando não traz sabedoria  
é tão inútil  
quanto qualquer outra coisa inútil.

#### NO DESERTO II

estou antigo  
quem sabe possa ter  
algum poema  
que sirva  
como um pé de meia

5 – Brinco que os meus pais deveriam ter me reprimido, obrigado que eu me dedicasse a outra coisa. (risos) Vai ser difícil falar sobre família agora, meu pai faleceu enquanto estávamos trabalhando nesta entrevista. O que posso dizer é que tanto ele quanto a minha mãe e os meus irmão sempre me apoiaram.

6 – Se eu soubesse o que estou fazendo, não seria arte, no entanto, isso não garante que o que estou fazendo é arte, embora deixe a possibilidade de ser arte em aberto.

Entrevista por email finalizada em 13/12/2015